

LEITURAS DO HIP HOP SOBRE A CIDADE¹

Tereza Correia da Nóbrega Queiroz

Introdução

Este trabalho é resultado de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Juventude - GRUPEJ, que vem estudando grupos de jovens na cidade de João Pessoa com o objetivo de analisar a sociabilidade juvenil contemporânea em articulação com a experiência vivenciada no espaço urbano. Alguns grupos vêm sendo alvo de atenção, a exemplo de skatistas, turmas de bairro, anarco-punks e o movimento hip hop. Nossa intervenção neste momento focalizará o movimento hip hop em João Pessoa, que vem tendo certa presença e atuação nos bairros periféricos da cidade, articulando jovens de diferentes localidades e produzindo uma leitura sobre a condição juvenil e sobre o espaço social em que se localizam.

A pesquisa identificou grupos que participam deste movimento na cidade de João Pessoa, entrevistou alguns de seus integrantes, além de coletar letras de músicas e discos gravados por alguns deles, presenciou shows e fotografou grafites elaborados por seus integrantes.

É com base neste material que será feita uma reflexão sobre os significados que os grupos de hip hop atribuem à sua experiência juvenil e à sua vivência urbana que se traduzem nas marcas que imprimem ao espaço urbano em que circulam.

Iniciamos com uma reflexão sobre o conceito de juventude e sobre as experiências que constroem e significam esta etapa da vida na modernidade, para situar o movimento hip hop enquanto uma forma de expressão de jovens que se localizam nas periferias da cidade e da sociedade, e que encontraram neste lugar "marginal" uma forma de recriar de forma incisiva suas origens étnicas e culturais, herança a partir da qual assumem uma atitude afirmativa e guerreira. As práticas desenvolvidas por estes grupos, as músicas através das quais se expressam, constituem um campo de investigação promissor para a compreensão dos movimentos subterrâneos que agitam a cidade contemporânea, mais além do que sua superfície aparentemente visível demonstra.

Em seguida, mostramos as origens do movimento hip hop na América, situando-o no contexto de degradação urbana no qual ele emergiu e ao qual responde de forma afirmativa. Completamos este resgate histórico com uma breve análise do movimento hip hop no Brasil, principalmente em São Paulo, que constitui um dos principais marcos de referência para o movimento em João Pessoa.

Ao final analisamos a produção musical de alguns grupos de hip hop em João Pessoa, focalizando o significado que atribuem à juventude e à experiência urbana que vivenciam.

¹ Este estudo contou com a colaboração dos alunos Estevam Dedalus, Yuriallis F. Bastos, Rivoneide F. de Lima do Curso de Graduação em Ciências Sociais que participam no Grupo dos Estudos e Pesquisa Sobre Juventude.

1. Juventude, experiência urbana e pobreza

Existe toda uma linha de estudos no cruzamento da sociologia com a antropologia que rejeita a noção essencialista de juventude que atribui uma correspondência imediata entre determinado momento do curso da vida e juventude entendida como uma moratória, como um momento separado da existência voltado para a preparação para a vida adulta. Eisenstad discutiu a diferença entre as juventudes das sociedades tradicionais e a das sociedades modernas, mostrando que é próprio destas últimas certa descontinuidade entre infância, juventude e o mundo adulto, o que tende a transformar a juventude numa idade problemática (Eisenstadt, 1976).

Ariés (1981) desenvolve a tese de que a juventude é uma invenção moderna, que emerge juntamente com a polarização entre vida pública e privada, e a disseminação de formas de classificação e hierarquização, em substituição à sociabilidade densa que vigorava na sociedade antiga e que misturava diferentes classes e grupos etários. A juventude é isolada num espaço específico de socialização – a escola – que substitui a forma anterior de aprendizagem onde a socialização ocorria no contato direto com o mundo e as atividades dos mais velhos, ao mesmo tempo em que ocorre uma ascensão do sentimento de família, sua crescente privatização e distanciamento em relação ao espaço público. Esta se redefine, bem como os papéis de seus membros e a mulher passa a se responsabilizar pela educação e formação das crianças.

Schindler (1996) questiona em parte as idéias de Ariés demonstrando que na sociedade antiga havia já uma concepção de juventude, o que pode ser atestado pela vitalidade da cultura juvenil da época, explicitada em rituais e folguedos próprios desta etapa da vida. Nesta sociedade, porém, a juventude tem outro sentido e função e a interação e as trocas entre os mundos adulto e juvenil se faziam com mais frequência, tornando mais rico o contato intergeracional. Demonstra assim que a existência de culturas juvenis não é privilégio de sociedades onde prevalece certa ruptura entre as diferentes idades da vida.

Autores mais recentes como Abramo (1994) e Groppo (2000) atualizam o debate sobre a juventude contemporânea sinalizando as mudanças que vêm se processando nas formas de construção desta etapa da vida.

Para Groppo, a juventude é entendida como uma representação social que tem repercussão sobre as práticas e comportamentos dos sujeitos. Trata-se de uma construção social que se refaz continuamente e que envolve uma diversidade de atores e instituições sociais, entre os quais se incluem os próprios jovens. Na elaboração da moderna noção de juventude tiveram papel destacado os pedagogos, a escola, a família e a ciência, em particular a psicologia. Outro aspecto destacado pelo autor diz respeito à desconfiança da modernidade em relação aos jovens, vistos em geral como instáveis e perigosos, a exigirem portanto uma vigilância permanente para não resvalarem por caminhos “equivocados”. Poucas vezes se perguntou pelo mal-estar juvenil e sobre as razões de sua atração pelos caminhos avessos.

Atualmente é difícil falar de juventude, dada a diversidade de manifestações e de caras com que ela se apresenta. Temos ainda um setor privilegiado que vem tendo um papel importante na configuração das juventudes contemporâneas: a mídia que, na percepção de alguns, estaria desconstruindo a noção moderna de juventude com a quebra das barreiras que segregavam crianças e jovens em mundos separados.

A juventude contemporânea tem também um papel significativo na construção de sua própria identidade e é sobre esta participação que nos debruçaremos no momento, tomando o exemplo do movimento hip hop da cidade de João Pessoa.

Alguns processos sociais importantes vêm gerando mudanças na configuração da juventude contemporânea. Jesus Martin Barbero (<http://campus-oei.org/pensariberoamerica/ric00a03.htm>) afirma que atualmente ela vem vivenciando a radicalização da experiência do “desencaixe”², o que desorganiza mapas mentais e práticas locais, e se expressa na maior familiaridade com a cultura tecnológica e a gestação de uma nova sensibilidade estranha às tradições culturais; na desterritorialização, que envolve processos urbanos de privatização e de construção de não lugares, dificultando a identificação com o espaço e levando a novas formas de construção identitária; na adoção de novas sociabilidades que articulam o local e o global, e na construção de comunidades hermenêuticas “cuja ligação não provêm nem de um território fixo, nem de um consenso racional e duradouro, mas da idade e do gênero, dos repertórios estéticos e gostos sexuais, dos estilos de vida e das exclusões sociais”. As culturas juvenis expressariam assim a reconfiguração das sociabilidades e o mal estar da sociedade contemporânea.

O movimento hip hop pode ser considerado como produtor de uma cultura juvenil que exemplifica a análise do autor acima citado. Trata-se de um movimento recente que marca a presença de jovens que se agregam pelo sentimento de exclusão, e que elaboram um estilo de vida e uma forma de expressão artística que constrói um ponto de vista particular e bastante crítico sobre a sociedade contemporânea. E que encontraram já um canal de expressão através da mídia, influenciando jovens de todas as categorias sociais. O que contraria e remete à revisão de enfoques sociológicos que tradicionalmente encaravam as manifestações públicas de jovens pobres apenas no registro do desvio, da marginalidade ou da delinquência.

Este movimento juvenil exprime-se, sobretudo, através de manifestações artísticas e de ações sociais, e representa uma afirmação da parcela mais desfavorecida da sociedade, aquela que habita as periferias da cidade e que tem as marcas das discriminações associadas à negritude e à exclusão social.

Como emergiu este movimento, como conseguiu se expandir, quais as razões das identificações de jovens de diferentes cidades e regiões? O que as juventudes de diferentes lugares têm de comum e de diferente?

² Giddens, A. 1991.

2. O canto indignado dos guetos de Nova York

O hip hop é um movimento juvenil que surgiu e expandiu-se nas décadas de 70 e 80 nos Estados Unidos. Tem raízes na tradição cultural afro-americana e desenvolveu três expressões principais: o rap, o grafitti e a break dance (Arce, 1999).

Para Rose (1997), ele surge em Nova York, no contexto da cidade pós-industrial, que vivenciava um vertiginoso desenvolvimento tecnológico que teve consequências sociais perversas decorrentes da desindustrialização, da ampliação do setor de serviços e do informal, que degradou as condições e perspectivas de vida dos que vivem do trabalho. A crise econômica e a redefinição do papel do Estado, que diminuía sua atuação no sentido de reparar injustiças sociais e promover maior igualdade, levou também a radicalização de discriminações raciais e de gênero. As perspectivas de ascensão social se reduziram drasticamente. Além disso, o corte de verbas para investimentos urbanos e políticas habitacionais acarretou a deterioração de bairros de população mais pobre, a exemplo do South Bronx, e tiveram um impacto devastador sobre os jovens de origem negra ou hispânica.

O South Bronx é, segundo a autora citada, o berço da cultura hip hop, e lá tomam forma, de maneira drástica, os efeitos da sociedade pós-industrial.

Foi neste contexto de degradação urbana e discriminação que os jovens negros e latinos inventaram formas criativas de expressão e resistência: o hip hop. “A cultura hip hop emergiu como fonte de formação de uma identidade alternativa e de status social para os jovens numa comunidade, cujas antigas instituições sociais de apoio foram destruídas, bem como outros setores importantes. As identidades alternativas locais foram forjadas a partir de modas e linguagens, de nomes e ruas e, mais importante: do estabelecimento de grupos e turmas de bairros” (Idem, 1977).

Herschman também situa a origem do hip hop nos guetos de Nova York quando DJ's como o jamaicano Kool-Herc e seu discípulo Grand Master Flash começaram a dar festas no gueto do Bronx (NY), utilizando-se de técnicas que posteriormente se tornaram fundamentais para este tipo de música eletrônica. Dentre estas técnicas destacam-se os sounds systems, mixadores, scratch e os repentes eletrônicos que passaram a ser conhecidos como raps (Herschman, 2000, p. 19). É aí também que vão surgindo outros elementos associados à música: o break, as grafitagens de muros e trens do metrô, e um estilo de vestir despojado: calças de moletom, camisetas, bonés, tênis, gorros, das principais marcas esportivas.

Herschman identifica uma origem americana comum entre o funk e o hip hop, porém no Brasil, as especificidades da dinâmica cultural e a os modos de apropriações locais destas influências culturais transformaram o funk e o hip hop em vertentes musicais e culturais distintas. O funk difundiu-se principalmente na cultura urbana carioca na década de 80, enquanto o hip hop expandiu-se principalmente em São Paulo, onde mobilizou a juventude negra e trabalhadora da cidade, organizando-se em grupos, associações, posses, e pequenas gravadoras. O hip hop tornou-se uma versão mais politizada da

música negra. São Paulo tornou-se o principal centro irradiador do hip hop no Brasil, onde grupos como Racionais MC's, Sistema Negro, MDM, Câmbio Negro MRN, Pavilhão 9, têm expressiva presença na indústria fonográfica.

Para ilustrar o estilo musical desenvolvido pelos rappers tomamos como exemplo a letra de um dos raps nacionais mais conhecidos e divulgados, de autoria dos Racionais Mc's.

O tema central do rap é o contraste entre o fim de semana do rico e o do pobre, a visão que este último tem do modo de vida dos ricos:

“A toda comunidade pobre da Zona Sul,
Chegou fim de semana, todos querem diversão.
Só alegria, nós estamos no verão.
Mês de janeiro, São Paulo, Zona Sul.
Todo mundo à vontade, calor, céu azul,
Eu quero aproveitar o sol.
Encontrar os camaradas prum basquetebol.
Não pega nada.
Estou a uma hora da minha quebrada.
Logo mais, quero ver todos em paz.
Um, dois, três carros na calçada.
Feliz e agitada!
Toda a “playboyzada”, as garagens abertas,
Eles lavam o carro, desperdiçam a água.
Eles fazem a festa.
Vários estilos, vagabundas, motocicletas.
Coroa rico, boca aberta, isca predileta
De verde fluorescente, queimada, sorridente,
A mesma vaca loura circulando como sempre.
Roda a banca dos playbois do Guarujá.
Muitos manos se esquece mas na minha não se cresce
Sou assim, estou legal, até me leve a mal.
Malicioso e realista sou eu, mano Brown.
Me dê quatro bons motivos pra não ser.
Olha meu povo nas favelas e vai perceber.

O rap inicia-se com a perspectiva do fim de semana, da alegria, da festa, perspectiva que é contrariada pela percepção do contraste entre o espaço do rico e o do pobre, entre as imensas possibilidades dos ricos e a dos pobres cujas aspirações mais simples são impossíveis de realização, entre o Guarujá - lugar da elite - e minha quebrada - lugar das dificuldades.

O estilo de vida dos ricos é apresentado de forma irônica: o tempo de lazer dedicado à lavagem dos carros, ícone maior de consumo e status social, o gasto de água visto como desperdício para quem vive todas as carências; as garotas que circulam ao redor de coroas ricos são vistas de forma depreciativa - vacas louras, e os playboys como otários que se deixam seduzir pelas “vacas louras”, interessadas no dinheiro.

Há um convite insistente para os irmãos atentarem para as diferenças, para o não esquecimento, para a atitude maliciosa e realista do mano Brown.

No parque, lugar público, as diferenças são sinalizadas de modo gritante: as famílias chegam em carangos do ano, pais ao lado dos filhos, brinquedos eletrônicos. No parque tem bicicletas, pai fazendo cooper. Também tem o clube, a quadra de esporte, cinema, pipoca e sorvete, piscina quente, corrida de kart.

E também tem “o pretinho vendo tudo do lado de fora”, que “apenas sonha através do muro”, afirmações que demarcam significativamente o lugar do jovem pobre e negro na cidade, sua exclusão de espaços privatizados, de espaços públicos que não mais se oferecem ao usufruto de todos.

Enquanto na quebrada, a molecada brinca do jeito que dá, “correndo pra lá e pra cá, jogando bola descalços nas ruas de terra”, gritam palavrão, não tem vídeo game, às vezes nem televisão. A ironia comparece forte também ao relembrar o mito do Papai Noel que entretece o sonho de consumo de crianças ricas:

No último Natal Papai Noel escondeu um brinquedo.
Prateado. Brilhava no meio do mato.
Um menininho de dez anos achou o presente.
Era de ferro com doze balas no pente.
E o fim do ano foi melhor pra muita gente

Ao invés da fantasia, do brinquedo sonhado e almejado, a dura realidade do contato precoce com o mundo da criminalidade, com o caminho do crime que “tornou o fim de ano melhor pra muita gente”.

A quebrada, a favela é por um lado valorizada como lugar de pertencimento, território de identificação:

Ruas de terra, esse é o morro, a minha área minha espera!
Gritaria na feira, “vamos chegando!”
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano,
Na periferia a alegria é igual
É lá que moram meus irmãos, meus amigos.
E a maioria por aqui se parece comigo.

Há, portanto, uma revalorização da periferia, como lugar de pertencimento, onde moram os irmãos, onde impera a alegria. Mas tem também o lado da violência, da pobreza, da exclusão, que precisa ser denunciado:

A número, número um em baixa renda da cidade
Comunidade sul é dignidade!
Tem um corpo no escadão, a tiazinha desce o morro
Polícia, a morte, polícia, socorro!
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar. Nenhum incentivo.
O investimento no lazer é muito escasso.

O centro comunitário é um fracasso!
Mas, aí, se quiser se destruir está no lugar certo.
Tem bebida e cocaína sempre por perto.
A cada esquina, cem, duzentos metros,
Nem sempre é bom ser esperto.
Schmith, Taurus, Rossi, Dreyer ou Campari
Pronúncia agradável, estrago inevitável
Nomes estrangeiros que estão no nosso meio
Para matar
Merda

As carências da periferia são assim nomeadas, principalmente as que dizem respeito mais diretamente aos jovens, como a ausência de equipamentos de lazer, além da violência que cotidianamente sofrem dos aparatos repressivos, e as alternativas destrutivas que a eles se oferecem, cenário diante do qual o compositor se enfurece – merda.

Os Racionais falam da cidade dual, da cidade sem nuances, cidade de muros, de lugares demarcados. Da cidade a que os mais pobres não têm mais acesso e que precisa ser tomada de assalto seja este real ou simbólico.

O canto dos racionais é também um convite à luta, ao não esquecimento, à união dos que estão de fora. Os “manos” são convocados:

Vamos investir em nós mesmos
Mantendo distância das drogas e do álcool
Aí rapaziada

3. O hip hop em João Pessoa

Em João Pessoa o movimento se expande principalmente a partir da década de 80 e chega inicialmente através da televisão. Alguns jovens ficaram impressionados com o modo de dançar apresentado por alguns grupos de hip hop e decidem então se reunir para tentar reproduzir os passos da dança. O local de encontro era o Espaço Cultural, órgão do governo do Estado onde se desenvolvem atividades artísticas, cursos de arte, shows, etc. Do convívio ali praticado surge um grupo que se identificava com o hip hop – o Justa Causa – e que constituiu o núcleo inicial do movimento na cidade. Posteriormente este grupo subdividiu-se em dois novos grupos: tribo Ethnos e Auto-Controle.

Outro participante do movimento, o Mappa, divide sua história em dois momentos, a primeira geração representada pelos grupos citados acima e a atual que envolve um número maior de grupos. Para este entrevistado, seu contato com o hip hop se deu através de um carro de som que circulava em torno do mercado de Mangabeira, bairro situado na periferia da cidade e onde mora o rapper entrevistado. Seu interesse pela música iniciou-se com o funk e no início da adolescência costumava frequentar os bailes da cidade. Posteriormente conheceu um rapper da primeira geração e a partir daí começou a frequentar o pessoal, escutar raps e a partir “daí foi se formando no rap”.

Até hoje se observa que os grupos juvenis, de modo geral, se formam e também se dissolvem com muita facilidade, se recompõem ou migram para outros gêneros musicais.

Aconteceram algumas tentativas de trabalho conjunto, articulando diversos grupos do movimento, a chamada Caravana do Hip hop, que tentou difundir o movimento nos bairros da periferia, mas a iniciativa não teve duração muito longa.

Atualmente foram identificados 10 grupos de hip hop na cidade – Aliados de Mangabeira, (Mangabeira), Realidade Crua (Torre, Funcionários), Reação da Periferia (Mangabeira), Primatas do Mutirão (Nova República), Criados na Rua (Funcionários), O Predador (Mangabeira), Revolucionários do Rap (Funcionários), Atitude Urbana (Geisel, Funcionários e Mangabeira), Segure o B. O. (Mangabeira), Afronordestinas (Funcionários, Torre). A maioria se situam em bairros da região sudoeste que se expandiu após a década de 70 em consequência de intervenções do BNH, com a construção de grandes conjuntos habitacionais direcionados à população de renda média e baixa da cidade.

O movimento não se apresenta uniforme e algumas tendências puderam ser identificadas no seu interior: a Tribo Ethnos, que iniciou o movimento na cidade, dedica-se atualmente a uma fase mais experimentalista, pesquisando instrumentos e ritmos musicais diferentes, mesclando músicas de fontes culturais diversas. Os grupos Reação da Periferia e Primatas do Mutirão fazem um som mais politizado, com letras que retratam o cotidiano da periferia. Este é também o caso do grupo Realidade Crua, que além de um discurso politizado procura também mesclar o rap com ritmos e instrumentos musicais nordestinos.

Qual a leitura que os rappers paraibanos fazem da cidade e dos seus jovens?

As letras do rapper Cassiano Pedra condenam as drogas e indicam para os manos o caminho da escola como saída para a precariedade de condições atuais. Apresentam também referências à vida na periferia, à violência e aos estigmas de que são alvos:

João Pessoa, cidade verde, Zona Sul,
O hip hop na batalha pra salvar mais um
Do meu irmão eu tenho o maior orgulho,
É menor, mas crescer sem fazer barulho,
Eu tô sabendo, ele também tem seus figuras,
A nova geração que vem das ruas,
Muito mais postura,
Então chega, matar não é saída não,
Fique ligado no rap, Primatas do Mutirão,
Tenho pouca idade mas cenas, pessoas então,
Neguinho de ferro na cinta, dando porrada na cara do outro irmão,
Fiquei triste mas não pude fazer nada, Vendo mais um morrendo aqui
na nossa quebrada,
A barra é pesada, na mente várias sequelas,
Esqueço e vou pra escola,

Pois sei que lá o futuro me espera,
Tá pensando que não penso, a minha mente é a arma,
O rap é a bala, a língua o gatilho,
E a verdade que mando não falha,
Não sou gentalha, sou mais um filho da luta,
Lutando pra sobreviver, aqui no Nova República.

Trata-se de um rap que discorre sobre as dificuldades da vida na periferia, a violência precoce, assassinatos entre irmãos, porrada na cara do outro e também da saída oferecida pelo hip hop: o hip hop na batalha pra salvar mais um. O tema da luta, da batalha é uma constante, o cenário urbano é o da guerra e as armas da batalha são o rap e a língua. Nas letras deste rapper há uma preocupação muito forte com o acenar de caminhos, a busca pela educação, a distância em relação ao mundo das drogas.

Outro compositor, o Mapa, também faz raps sobre a cidade, um dos quais se intitula “Na área de cada um”, onde afirma:

A sua área, só você conhece,
Lá só você sabe mesmo o que acontece
Se é um tiroteio, assassinatos, fatos sangrentos,
Cotidiano sempre assim, sempre violento.
Um dia já foi vítima, se não foi um dia vai,
Mas aí consequência onde é difícil a paz,
João Pessoa de qualquer outra cidade não é diferente.
Dia após dia a violência é crescente.

Rap que fala sobre o conhecimento do lugar, da violência que lá impera, e da rua como lugar do medo: “em casa eu tô em paz, na rua é muita treta”. Em outro momento aparece a consciência da diferença: ao tematizar sobre as carências de seu bairro, afirma: “nada disso ou daquilo que os playboy possui, é só pobreza e violência que nos influi”.

O ímpeto guerreiro, a dimensão da cidade como espaço de luta, a falta de perspectiva enfrentada pelos jovens da periferia, são temas constantes nos raps deste compositor:

Tô aqui é ... de mangas arregaçadas
Junto com os manos Dj Dal e Metralha
Difícil batalha, condições precárias
Mas periferia é assim mesmo
Encaro de frente, de lutar não tenho medo
Para os poderosos isso não é apelo
Muito menos pelos maluco tiroteio
Falo do que, do que nos revolta
Injustiça, droga, polícia, desigualdade e violência
Tudo influencia quando na adolescência
Pois não existe perspectiva de vida para o futuro

Mas a força da palavra é enfatizada e associada com imagens fortes. As palavras podem se infiltrar nos sujeitos, perturbá-los, provocar questionamentos identitários:

Engatinho o cano, conto até três e atiro
Pô, tô na minha, tô cabreiro, tô tranquilo
A bala penetrou na sua mente
Foi até lá se alojou no subconsciente
Fico dentro de ti um questionamento
Bandido ou mocinho, quem sou eu no momento
Rha... Rha... você poderá me responder
Sim ou não, otário, quem é você
O mundo é grande a gente se perde
A vida por linhas tortas é que se escreve
Então se liga, siga um caminho que reto é um só
Estreito pequeno difícil esse mundo é fudido sabemos de cor

Há tensão entre o mundo sempre visto como algo perturbador e o hip hop aponta o caminho a ser seguido para evitar se perder.

Os raps analisados apresentam em comum a indignação dos jovens com o lugar que ocupam na sociedade. Seus locais de origem são nomeados, há certo orgulho nesta inscrição, e ao mesmo tempo, é muito forte o sentimento de estigma, a oposição que é expressa entre os *manos* – o habitante da periferia e os *playboys* que habitam bairros mais nobres da cidade.

Trata-se, portanto, de um modelo de construção da juventude que destaca seu aspecto fragmentado, não há juventude, mas juventudes, e a da periferia está indignada com o descaso a que está relegada, não se sente parte da mesma juventude que desfruta de melhores condições de vida. Fala para seus pares na tentativa de conscientizá-los, caminho que consideram viável para um revolução, nomeada, mas pouco explicitada, que conta apenas com a união, com a força dos iguais e a da palavra. Ao lado desta dimensão mais política os rappers também vêm no movimento um caminho de profissionalização.

Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel. 1994. *Cenas Juvenis: Punks e Darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita/ANPOCS.
- ARCE, José M. V. 1999. *Vida de Barro Duro: Cultura Popular Juvenil e Grafite*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- ARIÉS, Philippe. 1981. *História Social da Criança e da Família*. Editora Guanabara: Rio de Janeiro.
- BARBERO. <http://campus-oei.org/pensariberoamerica/ric00a03.htm>
- EISENSTADT, S. N. 1976. *De Geração a geração*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- FAUSTO NETO, Ana Maria Q. e Quiroga, C. 2000. Juventude urbana pobre: manifestações públicas e leituras sociais. C. ^a M. Pereira, E. Rondelli, K. E.

- Schollammer e M. Herschmann. (Orgs.) *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- GIDDENS, Anthony. 1991. *As consequências da Modernidade*. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista.
- GROPPO, Luís Antonio. 2000. *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel.
- HERSCHMANN, Michael. (org.) *Abalando os anos 90. Funk e Hip hop. Globalização, violência e estilo cultural*.
- HERSCHMANN, Michael. 2000. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- SCHINDLER, Norbert. 1996. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna in G. Levi e Schmitt (orgs.). *História dos Jovens*, vol. I., São Paulo: Companhia das Letras.

RESUMO

Leituras Do Hip Hop Sobre A Cidade

O objetivo deste trabalho é desvendar as representações que grupos juvenis urbanos fazem sobre a cidade. A escolha do movimento hip hop deve-se ao significado que este grupo vem assumindo enquanto porta-voz de expressivos contingentes de jovens que habitam as periferias das cidades brasileiras e que escolheram a música, ao lado de outras expressões artísticas, como instrumento privilegiado para relatar a exclusão vivenciada no seu cotidiano e a precariedade de suas condições de vida e trabalho. O estudo é feito com base na produção musical de grupos de *rappers* que habitam a periferia da cidade de João Pessoa, na Paraíba.

Nas letras analisadas observou-se que os principais temas abordados são a violência urbana contra jovens pobres da periferia, as desigualdades sociais e simbólicas vivenciadas na cidade e o estigma que recai sobre jovens pobres e pretos. A cidade é representada como espaço polarizado, arena de luta na qual os que se sentem estigmatizados batalham para despertar consciências e construir uma cidade igualitária. Trata-se de uma música militante que acredita no valor da palavra e da arte como instrumento de transformação social, interpelando os ouvintes para se conscientizarem e se unirem aos "manos" que apontam para a possibilidade de outra cidade oposta aquela onde vivem.

Palavras chave: juventude, cultura, movimento hip hop.

ABSTRACT

Hip Hop Readings of the City

The objective of this work is to understand the representations which urban youth groups make about the city. Hip hop is chosen because of the meaning that this group has assumed as spokesperson for youths who live in the periphery of Brazilian cities and who choose music, along with other artistic expressions, as a privileged instrument to speak of their experience of exclusion and of the precariousness of their work and living conditions. The

study is based on the musical production of rapper groups who live in the periphery of the city of João Pessoa, Paraíba.

An analysis of the lyrics reveals that their principal themes are urban violence against poor youth of the periphery, social and symbolic inequalities experienced in the city and the stigma which attaches to poor youths and blacks. The city is represented as a polarized space, an arena of conflict where those who feel stigmatized struggle to awaken consciousness and construct a more egalitarian city. It's a question of militant music which believes in the value of the word and of art as an instrument of social transformation, interpellating hearers to conscientize themselves and join hands, pointing to the possibility of an alternative city, the opposite of that in which they live.

Keywords: youth, culture, hip hop movement.